

# REEMERGÊNCIA DE DOENÇAS INFECCIOSAS E O MOVIMENTO ANTIVACINA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Sthefany de Oliveira Lima Machado<sup>1</sup>

Letícia Borges da Silva Heinen<sup>2</sup>

Belgath Fernandes Cardoso<sup>2</sup>

## RESUMO

O movimento antivacina é visto como um risco a saúde, no Brasil e no mundo, pois ele ameaça reverter, todo ou parte, do progresso obtido no combate a doenças que podem ser evitáveis através da vacinação. Este presente estudo bibliográfico tem como objetivo compreender a relação entre o movimento antivacina com a reemergência de doenças infecciosas. Onde foi analisado 10 artigos inicialmente e para melhor compreensão foi adicionado boletim epidemiológicos para comprovar as hipóteses levantadas sobre o tema. Dentre os principais resultados obtidos na pesquisa, destaca-se o número de pessoas que não se vacinaram foi proporcional a quantidade de casos de doenças reemergentes e há diversos fatores que implicam na não-adesão vacinal. Há uma necessidade urgente de aumentar a adesão vacinal no Brasil, devido ao declínio nas taxas de cobertura desde 2016 e à desinformação promovida por movimentos antivacina. Fortalecer as campanhas de conscientização é essencial para garantir a proteção coletiva e combater surtos de doenças evitáveis, como o sarampo, que teve um aumento significativo de casos em 2019 devido ao abandono vacinal.

**Palavras-chave:** reemergência; vacinação; doenças infecciosas.

## ABSTRACT

The anti-vaccine movement is seen as a health risk, in Brazil and around the world, as it threatens to reverse, all or part, the progress made in combating diseases that can be preventable through vaccination. This present bibliographic study aims to understand the relationship between the anti-vaccine movement and the re-emergence of infectious diseases. Where 10 articles were initially analyzed and for better understanding, an epidemiological bulletin was added to prove the hypotheses raised on the topic. Among the main results obtained in the research, it stands out that the number of people who did not get vaccinated was proportional to the number of cases of re-emerging diseases and there are several factors that imply non-adherence to vaccination. There is an urgent need to increase vaccination uptake in Brazil, due to the decline in coverage rates since 2016 and misinformation promoted by anti-vaccine movements. Strengthening awareness campaigns is essential to guarantee collective protection and combat outbreaks of preventable diseases, such as measles, which saw a significant increase in cases in 2019 due to vaccine abandonment.

**Keywords:** reemergence; vaccination; infectious diseases.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Biomedicina no Centro Universitário de Várzea Grande-UNIVAG. E-mail: sthefany.oliveira.lima@outlook.com.br.

<sup>2</sup> Docente do curso de Biomedicina do Centro Universitário de Várzea Grande-UNIVAG.

# 1 INTRODUÇÃO

No Brasil e no mundo, existem diversas doenças infecciosas que acometem a saúde das pessoas, e a maioria delas já possuem a mesma forma de ser evitada, ou pelo menos controlar a disseminação ou agravamento, que é através das vacinas. Desde o século XIX, as vacinas são utilizadas como forma de controle e prevenção de doenças infecciosas, porém somente em 1973 foi formulado o Programa Nacional de Imunizações (PNI), que trouxe uma redução significativa na incidência e mortalidade por doenças que podem ser imunopreveníveis (Gomes, 2020).

Todavia, existem pessoas que não aderem as vacinas, pois entendem que não são obrigadas e não precisam tomá-las, e isso configura o movimento antivacina. Esse movimento pode trazer risco até para as pessoas que aderiram as campanhas de vacinação como forma de prevenção. O movimento antivacina existe há muito tempo no Brasil, tendo a Revolta da Vacina em 1904 como a manifestação mais relevante do tema. Nesse episódio, houve uma grande hesitação da população em relação a obrigatoriedade da vacina durante o surto de varíola, mas foi enfraquecido devido ao estado alarmante em que o país estava na época (Sato, 2018). O movimento antivacina se fortalece constantemente ao longo dos anos e trazem uma grande consequência, o ressurgimento de doenças infecciosas que podem ser prevenidas com a vacinação (Sato, 2018).

Na história do Brasil, tiveram muitas campanhas de imunização com sucesso, que auxiliou o país a alcançar o certificado de erradicação de Rubéola em 2015 e em 2016, do sarampo. Com uma considerável queda da cobertura vacinal da Tríplice viral, houve a reemergência do Sarampo, doença causada pelo vírus de RNA pertencente à família dos *Paramyxoviridae*, em 2018 (Peixoto, 2022).

O vírus causador da Mpox pertence ao gênero *Orthopoxvirus* (antigamente chamado de Monkeypox) onde os sinais e sintomas é semelhante a varíola, porém com menor gravidade. Essa doença é endêmica em países da África. Entre 2022 e 2023 houve casos de óbitos não só no Brasil como todo o mundo, em regiões que inclusive não são endêmicas (SES- SP, 2023).

Diante disso, é relevante tratar desde tema com urgência, pois a divulgação de notícias falsas que estão vinculadas ao movimento antivacina podem desencadear um cenário propício para disseminação generalizada de doenças infecciosas, além da

redução de adesão á vacinação levando a população a estado de vulnerabilidade em relação a imunização (Sato,2018; Mello e Gervitz, 2020).

Em face do histórico antivacina presenciado no Brasil, com aumento de adeptos, objetivou-se, por meio dessa revisão bibliográfica, compreender a reemergência de doenças infecciosas como consequência do movimento de hesitação vacinal.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Pergunta de pesquisa

O estudo apresentado se trata de uma revisão de literatura, cujo a problemática da pesquisa foi determinada conforme a técnica PICO (Tabela 1), com objetivo de idealizar a pergunta de pesquisa e estruturar uma referência bibliográfica relevante e objetiva.

**Tabela 1- Elementos da pergunta de pesquisa determinada conforme a técnica de PICO.**

Descrição	Abreviação	Componentes da pesquisa
População, problema	P	Doenças reemergentes
Intervenção	I	-
Controle, comparação	C	-
Desfecho, Resultado ( <i>Outcome</i> )	O	Interferência do movimento antivacinação

Autoria própria, 2024.

### 2.2 Estratégia de busca

Para realizar esta pesquisa foi utilizada a fonte de dados científicos Google acadêmico, utilizando os seguintes descritores: “doenças reemergente e “interferência do movimento antivacinação” compreendidos entre os anos 2018 a 2024.

### 2.3 Seleção dos artigos

Foi feita uma análise criteriosa para inclusão dos artigos das bases de dados, sendo, em primeiro momento avaliado por títulos e posteriormente por resumos que condiziam com o objetivo de reunir informações sobre o movimento. Em segundo momento, os artigos selecionados foram filtrados por desenvolvimento dos temas citados (Figura 1).

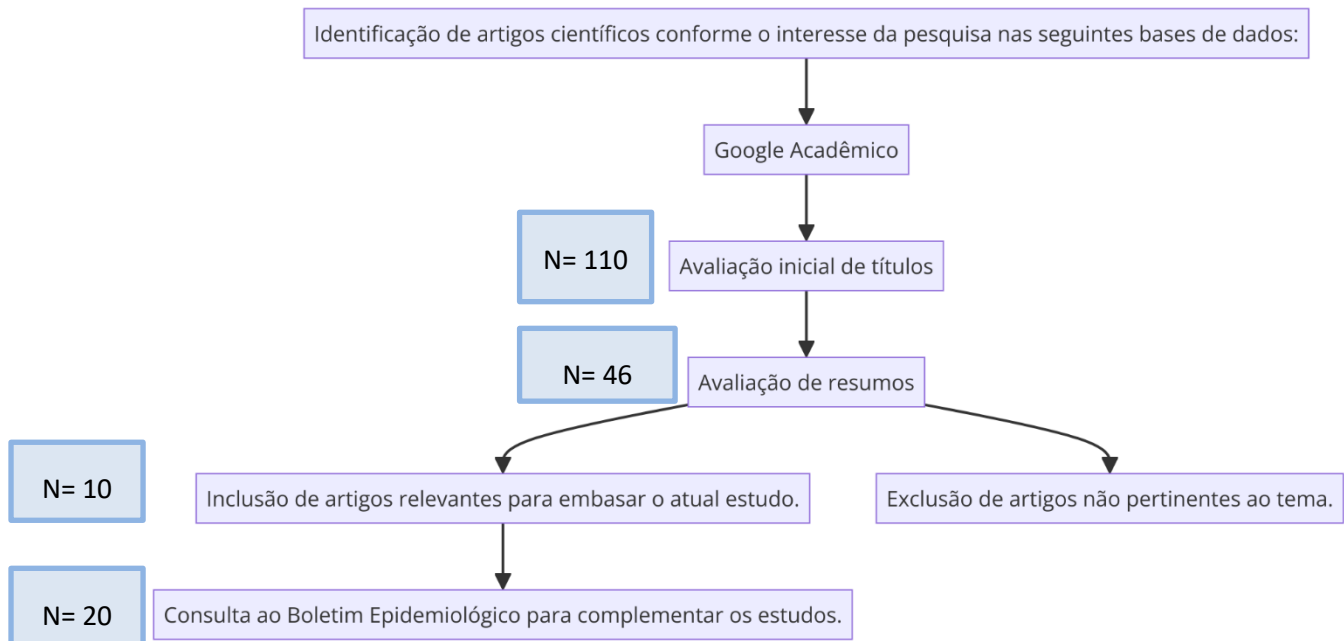


Figura 1. Fluxograma do passo-a-passo da inclusão dos artigos no trabalho.

Fonte: Autoria própria, 2024.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram analisados 20 artigos científicos, sendo ele revisão ou diversos outros estudos de 2018 a junho de 2024, em todos eles foram constatados influência do movimento antivacina em ressurgimento ou agravamento de doenças infecciosas no território brasileiro. Depois foi incluído dados de boletim epidemiológicos de origem informativo do Governo confirmando resultados dos artigos analisados para discussão.

Tabela 2. Relação dos artigos incluídos no estudo e seus principais resultados.

Nº	Revista	Autores	Ano de publicação	Título	Metodologia	Resultados
1	Revista de saúde pública	APS; <i>et al.</i>	2018	Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica	Revisão narrativa	Deve-se conscientizar a população quanto os benefícios de vacinação, os profissionais da saúde podem desenvolver um papel fundamental para divulgar informações verídicas e confiáveis sobre a pauta.
2	Revista de Estudos Multidisciplinares	SILVA; <i>et al.</i>	2022	O impacto do movimento antivacinas na pandemia: uma análise sob à ótica das pessoas que não se vacinaram contra a COVID 19	Estudo transversal-prospectivo	Foi possível observar que o movimento antivacina afirma que a vacinação é prejudicial à saúde. E com isso as redes sociais é a principal fonte de propagação dessas opiniões.
3	Brazilian Journal of Health Review	MIRANDA; <i>et al.</i>	2022	Uma análise da reemergência do sarampo no território brasileiro	Revisão de literatura	Constatou-se que a queda de número de pessoas vacinadas implica proporcionalmente no crescimento de casos na reemergência de doenças infecciosas
4	Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública	PITON	2022	O movimento antivacina e a aceitação vacinal frente à pandemia  Da covid-19 entre os anos de 2020 e 2022: uma revisão integrativa	Revisão de literatura	Observou-se que há muitos fatores podem influenciar a hesitação vacinal, ademais do uso de redes sociais para disseminar ponto de vista consolidados pelo movimento antivacina.
5	Brazilian Journal of Health Review	TEIXEIRA; SILVA.	2023	A queda da cobertura vacinal: O sarampo pode voltar?	Revisão de literatura	Identificou-se que o aumento dos casos de sarampo foi causado pela redução de imunizados no Brasil. Causados pelo movimento antivacina e notícias propagadas na pandemia do SARS-COV-2 em 2020.
6	Boletim de Conjuntura (BOCA)	ARAUJO; <i>et al.</i>	2023	Hesitação vacinal em adultos no enfrentamento da covid-19: argumentos de quem hesita	Estudo exploratório	Conclui-se que a falta de informação e conhecimento científico são um grande problema na execução de cobertura vacinal, implicando na saúde pública.

7	Revista saúde dos vales	SILVA, <i>et al.</i>	2023	Recusa vacinal: Os perigos da fake News e do movimento antivacina no contexto de imunização	Revisão de literatura	Observou-se que nos estudos é evidente que a mídia social interfere na tomada de decisão, favorecendo a disseminação de ideias antivacinais.
8	Journal of Management & Primary Health Care	CARNUT; MARIEL.	2023	Da participação comunitária aos grupos anti-vacina: uma revisão integrativa sobre as estratégias de adesão à vacinação contra o HPV no SUS	Revisão de literatura	Foram demonstrados que nove estratégias estão em estudo para melhorar adesão a cobertura vacinal no SUS. Porém, combinadas pode garantir uma resolução mais efetiva em relação a adesão.
9	Brazilian Journal of Health Review	XAVIER; <i>et al.</i>	2024	Movimento antivacina: A pandemia da década	Revisão de literatura	Percebe-se a diminuição da cobertura vacinal contra poliomielite e na pandemia de COVID-19, o aumento de casos contra Sarampo que evidencia o quão a desinformação pode implicar na saúde pública.
10	Estrabão	OLIVEIRA; JUNIOR.	2024	Taxa de abandono vacinal (TAV) no programa nacional de imunizações (PNI): Uma análise entre 2015 e 2022	Estudo ecológico com análise exploratória	Os dados municipais do Brasil indicam uma tendência crescente de abandono vacinal. Embora decresceu em 2018, mas agravou em 2019 em algumas regiões.

Autoria própria, 2024.



Conforme os registros do Ministério da Saúde, a taxa de cobertura vacinal no Brasil vem diminuindo desde 2016, mas somente em 2020 houve uma diminuição evidente das vacinas do tríplice viral e hepatite A (Teixeira *et al.*, 2023). Nos anos 90 chegou-se a ter acima de 95% da população vacinada, taxa de cobertura considerada ideal para atingir imunidade em rebanho, e desde 2016 essa taxa vem decaindo para 15-20% (Xavier, *et al.*, 2024).

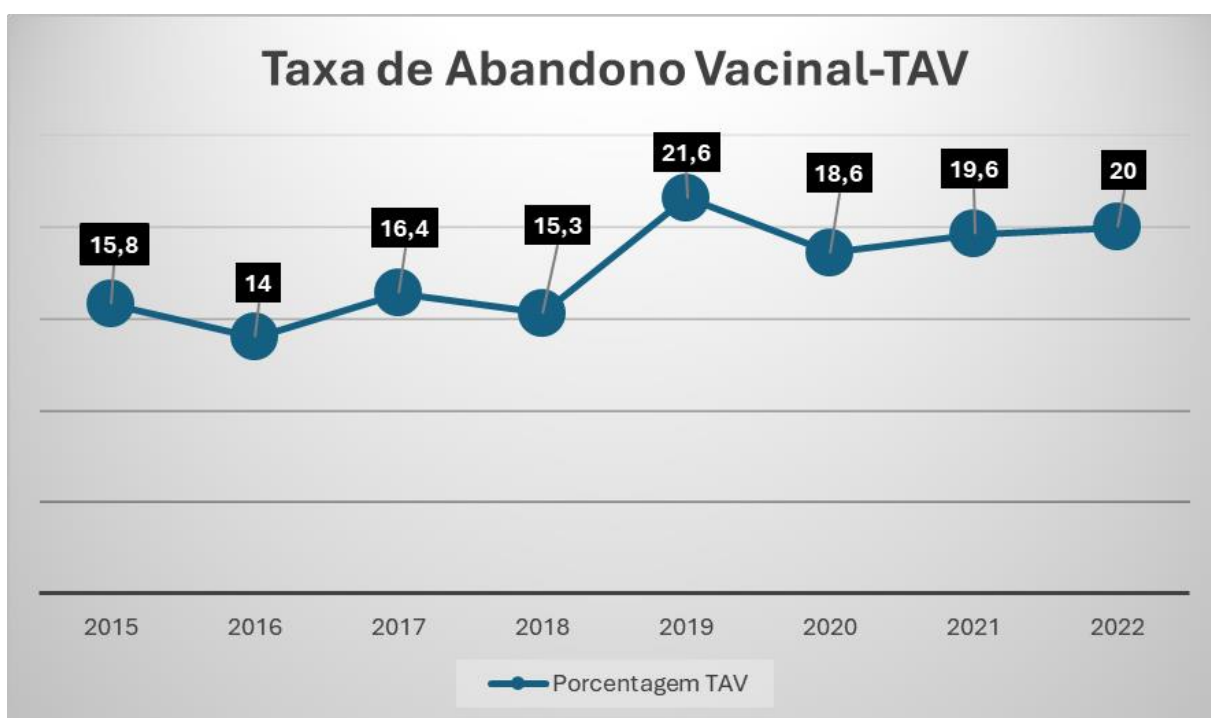


Gráfico 1- adaptada dos resultados do artigo de Oliveira; Junior, 2024

No entanto, há uma taxa para mensurar o quanto a população não aderiu ao Programa Nacional de Imunização (PNI), a Taxa de Abandono Vacinal (TAV). A taxa de abandono vacinal média no Brasil vem aumentando desde 2015, que era de 15,8%, chegando em 2022 com 20%, porém em 2019 houve um pico de aumento com 21,6% (Gráfico 1). Com isso, é possível afirmar o quanto as pessoas ao longo dos anos vêm deixando de aderir a vacinação (Oliveira; Junior, 2024).

O movimento antivacina se originou através de comunidades não aderiam a vacinação que surgiu após processos de implementação da imunização. No Brasil, iniciou-se em 1904, onde foi proposto a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola, manifestação popular contra a vacinação, conhecido como "Revolta da Vacina", momento marcante para o movimento. Nessa época era um grupo idealista com

pouca influência, hoje em dia, com acesso a redes sociais foi disseminado muito pensamento contraditório em relação a eficácia, segurança das vacinas e outras teorias (Silva, *et al.*, 2023).

O movimento antivacina representa um grande desafio para a saúde pública, especialmente em relação à vacinação no Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Estudos indicam que esses grupos difundem informações incorretas sobre as vacinas, afetando negativamente a adesão às campanhas de imunização. O Ministério da Saúde tem implementado diversas estratégias para aumentar a adesão, como a participação comunitária, comunicação eficaz e promoção da saúde. No entanto, os movimentos antivacina permanecem uma barreira significativa (Carnut; Mariel, 2023).

A propagação de notícias falsas e a desconfiança quanto à eficácia e segurança das vacinas são preocupações centrais. Pesquisas mostram que o engajamento comunitário é a estratégia mais eficiente para melhorar a adesão à vacinação. No entanto, a desinformação disseminada por grupos antivacina requer um esforço contínuo e coordenado para garantir que a população receba informações precisas e confiáveis sobre a importância das vacinas (Carnut; Mariel, 2023).

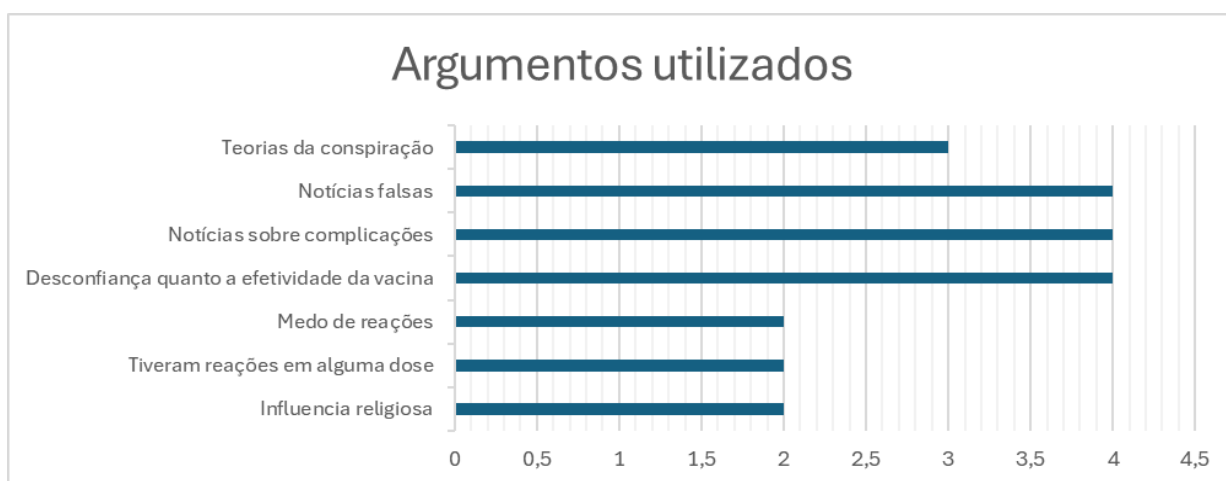


Gráfico 2- adaptado dos resultados do artigo de Araujo, et al., 2023

No estudo realizado por Araujo, et al. (2023) foi analisado de 11 participantes dentre 21 a 60 anos para listar quais os argumentos utilizados de pessoas que não tem intenção de se vacinar. E foi listado 08 motivos, sendo eles: Influência religiosa; reações adversas de doses vacinais; receio de reações vacinais; medo da efetividade

da vacina; Informações sobre complicações; notícias falsas nas redes sociais; teorias da conspiração e polarização política (Gráfico 2).

No período de pandemia de Covid-19 em 2020, um dos argumentos utilizados pelo movimento antivacina foi que a imunização prejudica a saúde. E que os imunizantes foram preparados com rapidez e com isso desacredita-se que a vacinação é eficaz e segura e acreditam que se fossem realmente eficazes não iria resultar em tantos óbitos durante a pandemia da COVID-19 (Silva, *et al.*, 2022).

Durante o período de dezembro de 2019 a julho de 2020, houve um aumento significativo nas buscas por informações sobre a COVID-19 e as vacinas, especialmente após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar a pandemia e recomendar o uso obrigatório de máscaras. Notavelmente, termos como "mercúrio" e "autismo" relacionados a vacinas ou ao movimento de hesitação vacinal se destacaram nas pesquisas online. Esse interesse refletiu as preocupações e desinformações propagadas pelo movimento antivacina, que continua a influenciar a percepção pública sobre a segurança e eficácia das vacinas (Piton, 2022).

Essas preocupações são frequentemente direcionadas aos conservantes utilizados nas vacinas, como o timerosal (um composto à base de mercúrio), são frequentemente questionados em relação à sua segurança e eficácia. A polêmica em torno do timerosal ganhou força após a publicação do estudo de Andrew Wakefield em 1998, que o associava ao autismo. No entanto, essa pesquisa foi posteriormente descreditada e retirada após ação judicial, que revelou a divulgação de informações falsas. É importante destacar que o timerosal não se acumula no organismo e sua função é conservar os compostos vacinais, assegurando sua estabilidade e eficácia (Aps et al., 2018).

As vacinas já são utilizadas há muito tempo e sua eficácia pode ser provada, de exemplo, com o sarampo que é uma doença altamente contagiosa, transmitida por gotículas respiratórias de indivíduos infectados. Embora não exista um tratamento específico, a vacinação pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI) do SUS é eficaz na prevenção. Em 2016, o Brasil recebeu o certificado de erradicação do sarampo. No entanto, desde 2018, surtos têm ressurgido tanto no Brasil quanto em

outros países, gerando preocupações significativas. A cobertura vacinal contra o sarampo caiu para 71,4% em 2021 (Xavier et al., 2024).

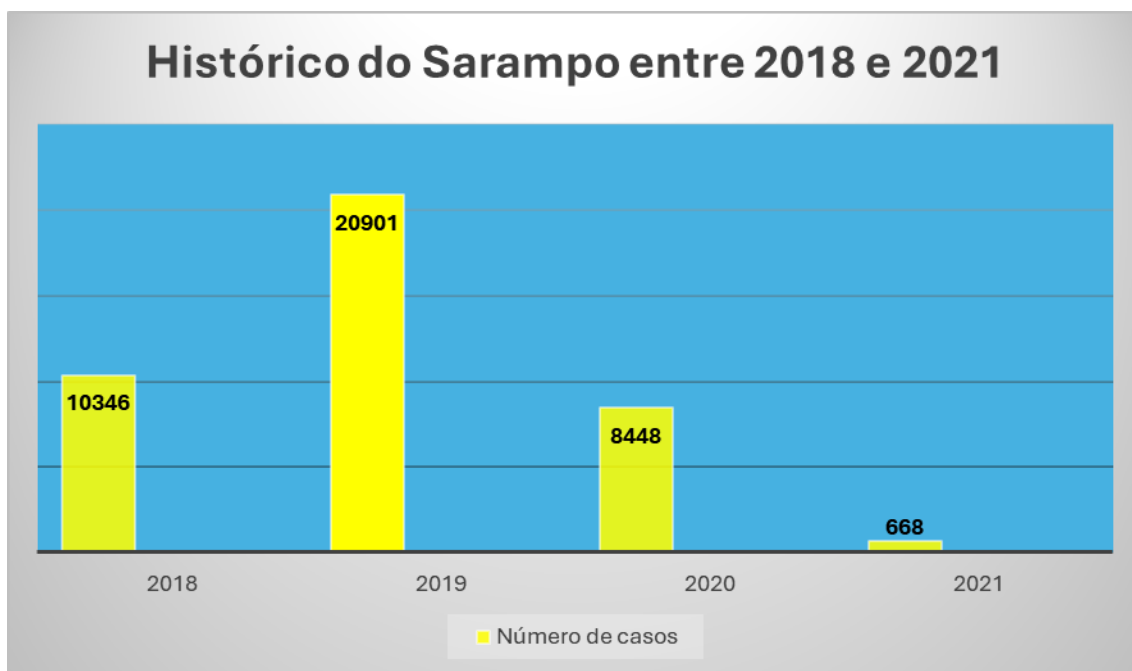


Gráfico 3 - adaptado do Boletim epidemiológico emitido pelo Ministério da Saúde em 2022.

De acordo com o Ministério da Saúde, houve 10.346 casos confirmados em 2018, 20.901 casos em 2019, 8.448 casos em 2020 e 668 casos em 2021. Globalmente, a Organização Pan-Americana da Saúde registrou 234 casos confirmados em 2024 (Gráfico 3). Durante a pandemia de COVID-19, a frequência das visitas aos postos de saúde diminuiu, impactando negativamente a vacinação contra o sarampo e outras doenças (Miranda et al., 2022).

Região	Casos confirmados	Casos prováveis	Óbitos
Américas	59.239	1.211	104
Europa	25.881	0	6
África	1.585	0	18
Pacífico Ocidental	463	0	0
Mediterrâneo Oriental	87	0	1
Sudeste Asiático	46	0	1
<b>Total</b>	<b>87.301</b>	<b>1.211</b>	<b>130</b>

Tabela 2- Boletim epidemiológico emitido pelo Ministério da Saúde em 2023.

A monkeypox, ou varíola dos macacos, é causada por um vírus identificado desde 1858. Em 1988, um estudo avaliou a eficácia da vacina contra a varíola humana, demonstrando uma proteção de 85% na população do Zaire, na África (Macedo; Maciel, 2023). Porém, segundo um relatório da Organização Mundial da

Saúde (OMS), desde janeiro de 2022, foram notificados 87.301 casos confirmados e 1.211 casos prováveis de monkeypox, com 130 óbitos em 20 países, sendo 16 no Brasil (Tabela 2).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Há uma grande necessidade de aumentar a adesão vacinal no Brasil, frente ao declínio preocupante nas taxas de cobertura desde 2016. A desinformação promovida por movimentos antivacina representa um obstáculo significativo, exigindo estratégias eficazes de comunicação e engajamento comunitário. O fortalecimento das campanhas de conscientização é essencial para garantir a proteção coletiva e combater surtos de doenças evitáveis. A reemergência de diversas doenças foi constatada, com um aumento evidente na taxa de abandono vacinal. Esse problema foi especialmente notável no caso do sarampo, que ressurgiu em 2018, mas teve o maior número de casos em 2019. Essa tendência pode ser observada na relação entre o (gráfico 1) e o (gráfico 3).

## REFERÊNCIAS

APS, Luana Raposo de Melo Moraes *et al.* Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. **Revista de Saúde Pública**, v. 52, p. 40, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância epidemiológica do sarampo no Brasil 2019: janeiro a dezembro, v. 51, n. 06, mar. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico Especial Mpox, v. 01, n. 01, maio 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância epidemiológica do sarampo no Brasil – semanas epidemiológicas 1 a 9 de 2021, v. 52, n. 12, mar. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância epidemiológica do sarampo no Brasil – semanas epidemiológicas 1 a 52 de 2021, v. 53, n. 03, jan. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CARNUT, Leonardo; MARIEL, Brunna. Da participação comunitária aos grupos anti-vacina: uma revisão integrativa sobre as estratégias de adesão à vacinação contra o HPV no SUS. **JMPHC| Journal of Management & Primary Health Care| ISSN 2179-6750**, v. 15, p. e010-e010, 2023.

DE DOENÇAS, Coordenadoria de Controle; Secretária da Saúde de São Paulo. Vacinação contra a Mpox. 2023.

DE ARAÚJO, Juliana Iscarlaty Freire *et al.* Hesitação vacinal em adultos no enfrentamento da covid-19: argumentos de quem hesita. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 16, n. 47, p. 682-699, 2023.

DA SILVA, Ana Beatriz Aroucha *et al.* O IMPACTO DO MOVIMENTO ANTIVACINAS NA PANDEMIA: uma análise sob à ótica das pessoas que não se vacinaram contra a COVID-19. **Revista de Estudos Multidisciplinares UNDB**, v. 2, n. 2, 2022

DE BRITO TEIXEIRA, Gabriella Stéphaney; DA SILVA, Éverton Edjar Atadeu. A queda da cobertura vacinal: o Sarampo pode voltar?. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 1, p. 1387-1393, 2023.

DE MIRANDA, Helena Rodrigues *et al.* Uma análise da reemergência do sarampo no território brasileiro: An analysis of the re-emergence of measles in the brazilian territory. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 4, p. 17016-17025, 2022.

GOMES, C. Obrigatoriedade da vacina: discurso contrário vem do século XIX, 2020. Disponível em < <https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/obrigatoriedade-da-vacina-discurso-contrario-vem-do-seculo-xix/>> Acesso em: 5 de maio. de 2024.

MACEDO, Laylla Ribeiro; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Monkeypox: contexto, implicações e desafios para serviços de saúde e vigilância. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 32, p. e2022723, 2023.

MELLO, Cecilia; GERVITZ, L. O movimento antivacina: a contaminação ideológica, a escolha social, o direito e a economia. **Revista de Direito e Medicina**, v. 5, p. 1-14, 2020.

OLIVEIRA, Marcela; JÚNIOR, Jânio Pereira. Taxa de abandono vacinal (TAV) no programa nacional de imunizações (PNI): uma análise entre 2015 e 2022. **Estrabão**, v. 5, p. 170-182, 2024.

Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde. Alerta epidemiológico: Sarampo na região das Américas. Jun,2024. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt.>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

PITON, Bruna Caetano. O movimento antivacina e a aceitação vacinal frente à pandemia da covid-19 entre os anos de 2020 e 2022: uma revisão integrativa. 2022.

PEIXOTO, Maria Eduarda Guedes *et al.* A reemergência do sarampo no brasil: falha da cobertura vacinal. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 7, p. 776-786, 2022.

SATO, Ana Paula Sayuri. Qual a importância da hesitação vacinal na queda das coberturas vacinais no Brasil?. **Revista de Saúde Pública**, v. 52, p. 96, 2018.

SILVA, Beatriz Michele *et al.* RECUSA VACINAL: OS PERIGOS DA FAKE NEWS E DO MOVIMENTO ANTIVACINA NO CONTEXTO DE IMUNIZAÇÃO. **Revista Saúde Dos Vales**, v. 7, n. 1, 2023.

XAVIER, Fernanda Queiroz *et al.* Movimento antivacina: a pandemia da década. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 1, p. 5224-5238, 2024.



### Ata de Defesa

No dia de 03 de julho de 2024, às 10:00 h na sala Aud. Ilha C deu-se início ao Exame de Defesa da aluna Sthefany de Oliveira Lima Machado, aluna regularmente matriculada no curso de Biomedicina do UNIVAG Centro Universitário que apresentou seu Trabalho de Conclusão de Curso II intitulado REEMERGÊNCIA DE DOENÇAS INFECCIOSAS E O MOVIMENTO ANTIVACINA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. A aluna teve como Orientadora a professora Ma. Belgath Fernandes Cardoso e foram Membros da Banca:

**Membro 1 Dra. Raisa Barros Magalhães de Lima**

**Membro 2 Ma. Luana Leticia Vila Donadel**

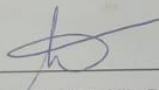
A aluna foi arguida pela Banca, durante o tempo considerado necessário, tendo obtido pelo trabalho a nota 8,5 (oito e cinco). A nota final é definida individualmente pela professora da disciplina considerando sua participação em todo processo de desenvolvimento do trabalho, seja o comparecimento às orientações, seja a produção do trabalho, até a apresentação final. A sessão foi encerrada às.....h, e, nada mais havendo, eu, orientadora,, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos membros da Banca Examinadora.



Ma. Belgath Fernandes Cardoso



Dra. Raisa Barros Magalhães de Lima



Ma. Luana Leticia Vila Donadel